
A FUTURA AGENDA DA INTERNACIONALIZAÇÃO: A PASSAGEM DE UM PARADIGMA OCIDENTAL PARA UM PROCESSO GLOBAL

THE FUTURE AGENDA OF INTERNATIONALIZATION: THE TRANSITION FROM A WESTERN PARADIGM TO A GLOBAL PROCESS

José Marcelo Freitas de LUNA (Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI)

Juliana Fagundes JACINTO (Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI)

RESUMO: O tema da internacionalização do currículo advém daquilo que há muito tempo se discute, teórica e metodologicamente, para o currículo da Educação Superior e busca responder à pergunta que o objetiva: de que forma pode se dar a agenda da internacionalização na passagem de um paradigma? Para isto, tomou-se como referência o conceito e as práticas, os princípios e fundamentos da internacionalização no Ensino Superior, o conceito de internacionalização na Educação Básica, no intuito de discutir a proposição de uma internacionalização para o currículo da Educação Básica. A metodologia aplicada é bibliográfica. A análise dos contextos do Ensino Superior e da Educação permite identificar estratégias de internacionalização como forma de demonstrar que estas podem ser realinhadas e aplicadas adequadamente, em todos os níveis de ensino da Educação Básica e na mudança de paradigma. O aporte teórico que subsidia este artigo são: Jacinto (2022); Thiesen (2018, 2019).

PALAVRA-CHAVE: Internacionalização do Currículo; Educação Básica

ABSTRACT: The theme of the internationalization of the curriculum stems from what has long been discussed, theoretically and methodologically, for the curriculum of Higher Education and seeks to answer the question that the objective: how can the internationalization agenda be given in the passage of a paradigm? For this, we took as reference the concept and practices, the principles and foundations of internationalization in Higher Education, the concept of internationalization in Basic Education, in order to discuss the proposition of an internationalization for the basic education curriculum. The methodology applied is bibliographic. The analysis of the contexts of Higher Education and Education allows identifying internationalization strategies as a way to demonstrate that they can be realigned and applied appropriately, at all levels of basic education education and in the paradigm shift. The theoretical contribution that subsidizes this article are: Jacinto (2022); Thiesen (2018, 2019).

KEYWORDS: Internationalization of the Curriculum; Basic Education

INTRODUÇÃO

Sim, a Internacionalização é um processo urgente. Não só já foi, antes de entrarmos nas duas grandes crises que enfrentamos, como é, pós-pandemia e as tensões entre Rússia e Ucrânia, bem como todas as demais tensões geopolíticas que estamos enfrentando no atual contexto geopolítico, tornando-a ainda mais necessária. Sempre houve racismo, sempre houve guerras, mas todas essas questões foram se acumulando e culminou num grande impacto social sobre a situação econômica e a instabilidade política, afetando o ensino de forma geral e, por consequência, o processo da internacionalização também. Tudo isto impacta no acesso ao ensino e afeta o sistema das instituições em todo o mundo.

É importante observar que durante crises históricas, novas oportunidades podem surgir. Uma delas foi o avanço do mundo digital que resultou num desenvolvimento positivo, por exemplo, as reuniões virtuais: o fato do não-deslocamento, do gasto de tempo e energia desperdiçados, além do maior alcance de público, tendo em vista a possibilidade de mais pessoas adentrarem uma sala virtual para discutir, ensinar ou aprender, ao mesmo tempo, de forma síncrona ou assíncrona, não apenas no Brasil, mas em qualquer parte do mundo. Estas oportunidades, geradas a partir de crises, devem servir para o desenvolvimento não só profissional, mas também educacional, pois é um momento para aprendizagem entre pares e esta mesma aprendizagem também pode ser feita para o currículo.

As instituições de ensino precisam perceber para onde e de que forma estão caminhando nesta jornada da promoção de um ensino cada vez mais voltado para melhoria da inclusão e da sustentabilidade. Pode-se usar todas as possibilidades dadas pela tecnologia (e o ensino virtual é uma delas, como exemplificado acima) para que o encontro entre aluno e professor seja mais produtivo e para uma aprendizagem mais colaborativa do que aquela que vinha se fazendo antes da pandemia. Tal possibilidade já estava lá, mas não a utilizávamos tanto quanto poderíamos usufruir: fomos forçados por ela a ir para o *online* e não foi um sucesso, ao menos no Brasil, porque muitas pessoas sem acesso à tecnologia ainda tinham seus problemas financeiros, de saúde mental, entre outros, mas mesmo assim, aprendemos a utilizá-la e, com essa experiência, o ensino e a internacionalização foram beneficiados pela possibilidade de maior interação e comunicação.

CONCEITUALIZAÇÃO

O conceito de internacionalização para a Educação Básica poderia ser o mesmo para o Ensino Superior, mas no caso do Brasil, precisa ser mais definido: Por que estamos fazendo isso? O que podemos fazer e que tipo de resultado queremos? Que implicação isso tem para nossos alunos? Queremos que vão ao exterior? Queremos que estejam muito mais preparados para o ensino superior

de boa qualidade? Queremos que se tornem bons profissionais? Em que contexto nossas práticas estão baseadas? É preciso sempre contextualizar o que queremos na Educação Básica porque isso sempre será diferente do que queremos para uma universidade.

É fato que, dada a situação no Brasil, tanto a política quanto a economia, as perspectivas são muito menores quando em comparação ao governo anterior, com a criação do CsF e o LsF que foi um investimento na tentativa de internacionalizar o Ensino Superior no Brasil, mesmo apresentando deficiências. Naquelas ocasiões, ainda era positivo o fato do governo estar disposto a investir na criação de uma massa muito mais crítica de geração jovem interculturalmente e internacionalmente competente. Porém, diante do cenário global, não temos um futuro otimista quanto às questões econômicas e a questão da aprendizagem precisa ser pensada globalmente, para todos, focando muito mais na internacionalização em casa, melhorando a qualidade da educação de forma que os alunos tenham realmente uma base sólida de resultados de aprendizagem intercultural, seja pela mobilidade física ou sem a mobilidade, para que possam se formar e progredir como profissionais interculturalmente ativos.

A internacionalização em casa é importantíssima para o Brasil e para tantos outros países do Sul global pois, por muitos anos, o foco estava basicamente na mobilidade física e o processo de internacionalização era percebido como sendo apenas este movimento. Muitos estudantes e professores brasileiros acreditam, ainda, que é preciso ir ao exterior para aprender com eles não porque eles têm muito a nos ensinar, mas porque existe um pensamento de inferioridade de nossa parte ou de aprender lá o que não poderia ser ensinado aqui. É importante desmistificar esta ideia porque, de fato, ir ao exterior não significa retornar interculturalmente transformado e uma estratégia internacional que se concentre apenas na mobilidade não promove a inclusão.

Definir um conceito de internacionalização para a Educação Básica é difícil porque ele deve ser suficientemente amplo para abranger todos os tipos de contextos, é preciso sempre olhar para o contexto da instituição, o contexto de um país comparado ao de outro: não existe um único modelo de internacionalização que sirva para tudo. Portanto, internacionalizar a Educação Básica seja tão importante, ou talvez até mais, que o Ensino Superior, porque sabemos que quanto mais cedo os estudantes forem preparados para enfrentar uma universidade, mais cedo terão noção de interculturalidade internacional e global. Podemos conceituar a internacionalização da Educação Básica como um elemento articulador da democratização nos diversos níveis de ensino nas salas de aula, favorecendo o acesso ao Conhecimento que é produzido globalmente.

MUDANÇA DE PARADIGMA

A definição de internacionalização não sofre impacto pelo contexto atual: mudar o paradigma ocidental para um paradigma mais inclusivo e sustentável já faz parte do conceito e o maior desafio está na intenção em que se faz isso. É preciso que a gestão institucional demonstre o desejo em fazer a diferença e de criar sua própria identidade no seu processo de internacionalização, visto que grande parte das instituições de ensino superior toma como possibilidade única a colaboração com América do Norte ou Europa, porém, não é disso que se trata a internacionalização porque se reduz a uma visão muito limitadora, tornando insuficiente para tal intensão.

Podemos aprender o que significa internacionalização com os outros porque internacionalizar significa algo completamente diferente em diferentes contextos que são influenciados por razões políticas, econômicas, sociais, culturais, acadêmicas, etc. Desta maneira, a internacionalização torna-se uma competição: compete-se por alunos, compete-se por professores, por *rankings*, por cargos, por convênios, por publicações em revistas conceituadas, e isto não diz nada sobre o que está sendo feito em termos de qualidade na internacionalização. Manter o foco da internacionalização somente na mobilidade é uma visão errada e torna-se elitista porque volta-se a um número pequeno de instituições/alunos/professores que se beneficiam desta abordagem neoliberal de internacionalizar. A partir disso, devemos pensar na grande parte que não pode transpor fronteiras: como podemos oferecer a mesma oportunidade de resultados internacionais na aprendizagem? Como podemos prepará-los para se tornarem tão bons profissionais quanto os da mobilidade? E para as IES que recebem estes estudantes internacionais, como podemos dar a eles a educação correta para que quando voltem ao seu país, possam fazer uso do que aprenderam?

A internacionalização está direcionada somente para duas das três missões da universidade: Ensino e Pesquisa, mas ainda não está focada na Extensão, e este serviço à sociedade é tão importante quanto as demais porque o mundo é confrontado diariamente com desafios de saúde, de pobreza, de meio ambiente, e todos os outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Internacionalização é o processo de inclusão de dimensões internacionais, interculturais e globais na Educação. É uma definição clara e ampla, mas que pode significar qualquer coisa para todos dentro do seu próprio interesse, porém, deve ser um processo intencional, com propósitos bem definidos pelas diferentes partes interessadas no ensino: governos, gestão escolar, corpo docente e também os estudantes.

Internacionalizar não é somente um objetivo em si, mas um meio para melhorar a qualidade do que estamos fazendo no Ensino, na Pesquisa e na Extensão. Precisa ser inclusivo e completo, trazendo contribuições significativas para a sociedade. Assim, o objetivo intencional - internacionalizar para a sociedade - pode vir seguido de perguntas, e fora disto, a internacionalização torna-se

marginal e não faz a diferença. Se pensarmos: Por que estamos fazendo isto? A resposta pode ser muito diferente de uma instituição no Brasil para outra em qualquer lugar no mundo. Por quê em nosso contexto temos de internacionalizar? A resposta também vai definir o que precisará ser feito. Qual é o impacto do que está se fazendo? O resultado não pode ser somente formar um aluno que se tornará um bom profissional ou montar um programa de pesquisa ou estabelecer convênio, mas deve ser uma contribuição na resolução de problemas sociais, o que demonstra que internacionalizar não é um processo mútuo: é preciso colaboração entre o local e o global.

Estes questionamentos são todos pertinentes, mas como podemos quebrar o paradigma do Norte global no contexto do Sul global (dominado, definido, controlado) de forma mais inclusiva e adaptada ao contexto? Descolonizar é muito importante pelas questões de identidade, identidades estas que carregam um contexto do Norte global e não do real contexto das identidades. É preciso falar sobre o ensino internacional na Educação Básica e no Ensino Superior através das vozes de diversas regiões, da região colonial. Nem sempre o que se faz e que funciona no Norte é eficiente ou gera resultado no Sul porque as ações de colonização restringem práticas de internacionalização, portanto, internacionalizar pode ser feito localmente ou, pelo menos, deveria ser considerado que os contextos interferem diretamente e se tornam expressivos justamente por isto. É necessário considerar que os problemas do meu contexto podem auxiliar na resolução de problemas do outro e vice-versa: local e global se conectam por este motivo e isto deve ser o foco das ações de internacionalização em uma instituição de ensino e fator-chave para a cooperação global.

Combater o paradigma da língua também é importante, mas complicado ao mesmo tempo. A tendência em considerar o Inglês como língua franca no mundo acadêmico (e isso é uma clara demonstração da internacionalização com paradigma ocidental) e em alguns países como segunda língua dominante nas interações de comunicação, é uma dura realidade. Difícil é mudá-la porque o Inglês não é somente a língua mais falada no mundo, mas é a primeira e é por isso que se torna fácil manter esta tendência em vários países, e isto inclui o Sul global.

Nas instituições de ensino, a oferta do Inglês demanda tempo e custo e, em alguns casos, o resultado de grande parte dos alunos não atinge o nível B1 porque conhece apenas o mínimo exigido de Inglês. Se perguntarmos: Por que temos que ofertar disciplinas em Inglês? A resposta até poderá ser diversa, mas o problema estará justamente em focar somente numa oferta sem contexto, o que torna algo longe da realidade de muitos estudantes que não tem o Inglês nem como segundo nem terceiro idioma, e que também não tiveram com quem praticar durante seus anos escolares.

Um exemplo do quão distante pode ser esta realidade é um estudo de Hans De Wit, o qual aponta 99% das estudantes que se formam no Curso de Enfermagem, em países como Equador e

Colômbia, se deparam com a exigência do Inglês, mas sem nunca terem tido acesso ao idioma e, embora tivessem, não teriam com quem praticá-lo porque sua segunda língua tende a ser dialetos indígenas. Aqui, percebe-se que o processo de internacionalizar esbarra no contexto destas estudantes porque grande parte delas decide trabalhar em comunidades indígenas, o que torna a exigência do Inglês um esforço idiomático desnecessário quando se considera que lhes poderia ser ensinado mais sobre cultura e língua dos povos indígenas do que o Inglês, visto que, de fato, não farão uso dele. Logo temos desperdício de tempo e energia porque a prática constante de uma segunda língua não é exercida. É preciso dispor de um sistema de ensino, desde a Educação Básica, que atenda com qualidade suficiente alunos desde a base educacional porque isto se tornará um problema que a universidade não dará conta de resolver.

Neste sentido, o domínio do paradigma ocidental revela-se infiltrado nas políticas públicas de países, agências de credenciamento e em organismos multilaterais, e está incutido justamente para que o paradigma se mantenha. A permanência dele poderia ser pertinente quando a oferta de Inglês se justificasse pela ministração de disciplinas com característica internacional (Direito Internacional, Relações Internacionais, etc.) o que demonstraria sua utilidade como segunda língua. Porém, quando inserido em matrizes curriculares (o que caracteriza sua obrigatoriedade em cursá-lo) generalizamos e acatamos a decisão de que o Inglês é esta língua oficial para a comunicação. Desta forma, temos um foco extremista pelo Inglês, mas todas as línguas são cada vez mais importantes e é necessário quebrar este paradigma de que só ele é meio para atingir um fim porque ele não o é, não é eficaz para a maioria dos alunos. Assim como nesta discussão sobre língua, não podemos esperar que a universidade resolva este problema para depois preparar os alunos para serem globalmente conectados. É preciso começar já no ensino fundamental e médio, portanto, a Educação Básica precisa passar pelo processo da internacionalização.

INTERNACIONALIZAR DESDE A BASE

Internacionalizar na base do ensino implica, também, na formação de professores, para que estes possam pensar interculturalmente e internacionalmente. Enquanto não for investido em uma formação docente internacional de boa qualidade, o processo da internacionalização não acontecerá e não poderemos preparar os alunos para serem muito mais competentes interculturalmente e internacionalmente. É preciso pensar que tipo de currículo (experiência profissional) o professor tem para ensinar para ser muito mais internacional e intercultural: este pode ser um ponto de partida para tornar a formação docente mais internacional. A razão pela qual se diz ser tão importante é porque ela realmente pode adaptar-se à realidade da qual estamos interconectados e da realidade de

grande parte dos estudantes: nenhuma classe é totalmente negra ou branca, por exemplo, e isto implica que os professores têm de estarem preparados para o diverso, o que significa trabalhar ensinando em um ambiente tão amplo quanto uma sala de aula.

A internacionalização da Educação Básica está em estágio inicial em muitos países, mas está acontecendo, a princípio, nas escolas ditas internacionais, porém de forma relativa porque são as famílias de boas condições financeiras que matriculam seus filhos nestas escolas bilíngues, e isto é uma abordagem analfabeta de internacionalização, quase massiva na esfera privada e na pública nem há tal possibilidade.

MOTIVAÇÃO PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO

São vários os motivos para o processo da internacionalização: as questões educacionais, as socioculturais, as políticas e também as econômicas:

Em termos curriculares, ele é importante porque adentra o universo de preconceitos/discriminações presentes na sociedade, questiona o caráter monocultural e hegemônico, articula igualdade e diferença, resgata processos de construção das identidades culturais e promove experiências de interação com o 'outro', além de reconstruir a dinâmica educacional trazendo para os processos de ensino/aprendizagem a dúvida seguida da investigação pela aquisição de novos saberes. (JACINTO, 2022, p. 83).

Ainda para Jacinto (2022), há muito que se discutir em termos de processo, pois ele se refere a uma nova maneira de ensinar o aluno pela perspectiva de uma formação mais “emancipatória, humanista e reconhecadora da diversidade” (p. 84). Contudo, isto também requer uma mudança nos currículos das escolas, pois

Internacionalizar é um meio para melhorar a qualidade do ensino, mas precisa ser um processo inclusivo e completo, trazendo uma contribuição significativa para a sociedade. O desafio está, justamente, em compreender que todos os estudantes carregam valores culturais que não podem ser marginalizados nem postos à dúvida, mas respeitados e relevados pela contribuição identitária que trazem ao processo de construção histórico e social. (JACINTO, 2022, p. 84).

Uma Base Nacional Comum Curricular não dará conta de atender às demandas sociais e educacionais de cada região do país, visto que ele

É um documento de orientação que retrata uma demanda social na educação, do ponto de vista histórico, mas não tem sido efetivo na adaptação das atividades ao mundo contemporâneo no âmbito da interculturalidade, uma vez que propõe uma base curricular comum em detrimento a um crescimento escolar internacional regulado, enfraquecendo as particularidades locais e culturais de cada região brasileira. (JACINTO, 2022, p. 50).

Embora posta em prática por todos os currículos de escolas brasileiras, o desafio é compreender que tais diferenças e singularidades dos diálogos culturais afetam diretamente o mesmo currículo formal. Afetam, também, o currículo oculto porque nele estão inseridas as questões históricas e políticas que permeiam as relações interpessoais de todo cidadão.

Considerando os marcos normativos vigentes (LDB, PNE, BNCC e outros), poderíamos sugerir diretrizes para uma política linguística da Internacionalização na Educação Básica brasileira:

1. Considerar que as atividades relacionadas à internacionalização “podem ser realinhadas e aplicadas adequadamente, em todos os níveis de ensino da EB, à faixa etária e à necessidade dos alunos para contribuir com o desenvolvimento cognitivo, social e cultural” (JACINTO, 2022 p. 47);
2. Revisar a atual Política Linguística no que se refere a oferta do Inglês como única disciplina estrangeira obrigatória;
3. Elaborar um plano de ação para implantação efetiva do processo de internacionalização, por meio de estudo do perfil dos estudantes em cada região do país, de modo a assegurar a igualdade, o direito e a manutenção do Ensino para todos os estudantes.

Talvez todo o exposto acima seja uma visão muito introdutória do próprio processo de desenvolvimento destes autores sobre o que é internacionalização, do que significa internacionalizar, de pensar sobre e como, com base no que o ‘outro’ me diz sob sua ótica. Porém, a compreendemos como uma nova maneira de ensinar por um viés cada vez mais emancipatório, humanista e reconhecedor da diversidade.

Tudo isso requer mudanças nos currículos das escolas regulares e instituições de ensino superior e o desafio está na compreensão de que todos nós carregamos valores culturais que não podem ser marginalizados justamente pela contribuição que trazem ao processo de construção histórico-social.

REFERÊNCIAS

JACINTO, J. F. Internacionalização do Currículo: uma proposta para a Educação Básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, p. 91. 2022.

THIESEN, J. da S. Quem girou as chaves da internacionalização dos currículos na educação básica? Educ. rev., Belo Horizonte. v.34, 2018. Disponível em: http://www.scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100182&lng=pt&nrm=iso Acesso em 04/jun/2021

THIESEN, J. da S. Estratégias de Internacionalização da Educação Básica e do Currículo: das universidades aos territórios da Educação Básica [Strategies for the internationalization of Education and Curriculum: From universities to territories of basic Education]. Educ. Policy Anal. Arch, v.27, p.58, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333403919_Estrategias_de_internacionalizacao_da_educacao_e_do_curriculo_Das_universidades_aos_territorios_da_Educacao_Basica Acesso em: 03/nov/2021.